

CAPÍTULO X - BEM AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS

Itens 9 a 13 – O argueiro e a trave no olho. Não julgueis para não serdes julgados; atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.

Evangelho de Mateus, Capítulo 7, Versículos 3 a 5:

“Por que vês o cisco no olho do teu irmão, e não percebes a viga no teu olho?

Ou, como dirás ao teu irmão: deixa que eu retire o cisco do teu olho. E, eis a viga no teu olho.

Hipócrita! Retira primeiramente a viga do teu olho, e então verás (em profundidade) para retirar o cisco do olho do teu irmão.”

Semana passada nós vimos que a palavra “Misericórdia” significa "ter compaixão do coração", ou seja, ter a capacidade de sentir aquilo que a outra pessoa sente, aproximar seus sentimentos dos sentimentos de alguém e ser solidário com as pessoas.

Portanto, a misericórdia é um sentimento de fraternidade, de compreensão e de indulgência, que reflete o entendimento de que todos nos encontramos em evolução e sujeitos a erros.

E, por isso, Jesus nos ensina que devemos compreender o nosso companheiro mais problemático e causador de contrariedades, pois nós também, muitas vezes, agimos da mesma forma que esse irmão, ou até mesmo pior, e também necessitamos de compreensão.

Temos que nos habituar a fazer aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem!

Os itens que vamos comentar hoje tratam, especificamente, do hábito equivocado que temos de apontar os erros alheios e julgar as pessoas pelos atos que elas cometem.

Itens 9 e 10 - O argueiro e a trave no olho.

Kardec nos alerta que:

“Uma das insensatezes da humanidade consiste em vermos o mal de outrem, antes de vermos o mal que está em nós.

Para julgar-se a si mesmo, fora preciso que o homem pudesse ver seu interior num espelho, pudesse, de certo modo, transportar-se para fora de si próprio, considerar-

se como outra pessoa e perguntar: que pensaria eu se visse alguém fazer o que faço?

Incontestavelmente, é o orgulho que induz o homem a dissimular, para si mesmo, os seus defeitos, tanto morais quanto físicos.”

Observemos que Kardec nos explica exatamente o que Mateus reproduziu da fala de Jesus.

Na passagem de hoje, vimos que Jesus destaca a facilidade que o homem tem em perceber os erros alheios e a dificuldade que tem em perceber os seus próprios erros.

Olhar para si mesmo, como se fosse outra pessoa, é a melhor forma de nos conhecermos.

Mas esse olhar para si só é possível ao observarmos, objetivamente, sem justificativas, como reagiríamos em determinadas situações da vida se estivéssemos no lugar do outro.

A partir desse hábito, podemos identificar as qualidades que estão em desenvolvimento em nós, bem como aquelas más inclinações que ainda precisamos domar.

É o orgulho que nos leva a perceber e destacar no outro o mal que recusamos em ver em nós.

E isso é falta de caridade, porque ressaltando o defeito alheio é como se atestássemos que somos melhor que o outro e nós, no fundo, no fundo, sabemos que não somos.

O indivíduo orgulhoso não consegue, ou tem muita dificuldade em ser caridoso, tolerante, paciente, resignado, manso, pacífico.

Lembremos a **Questão 785** do **Livro dos Espíritos**, onde os Espíritos Superiores nos esclarecem que o egoísmo, juntamente com o orgulho, são os maiores obstáculos ao progresso da Humanidade.

Portanto, busquemos todos seguir o exemplo de Jesus, procurando ver e destacar o bem que existe nos outros, sendo benevolentes com suas faltas tanto quanto desejamos que os outros sejam benevolentes com as nossas.

Vamos utilizar, portanto, rigor e exigência na luta do dia a dia contra as nossas imperfeições morais e não apontando o erro do outro.

Itens 11 a 13 - Não julgueis para não serdes julgados; atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado.

A frase “*Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado*”, nos remete a uma passagem do Evangelho muito conhecida por nós: o episódio da mulher adúltera.

Resumidamente, o episódio relata que um grupo de homens se aproxima de Jesus, colocando uma mulher assustada no centro de uma roda, para exigir uma posição do Mestre em relação ao que a lei da época dava como punição à mulher adúltera.

Jesus ouve calmamente as perguntas e não esboça nenhuma reação que pudesse dar motivos ao grupo para acusá-lo de desrespeitar a lei mosaica.

Observemos que Jesus não tinha nenhuma autoridade civil ou religiosa para libertar a mulher da morte por apedrejamento.

Porém, o Mestre, em toda a sua sabedoria, apenas diz que aquele que, dentre eles, estivesse sem pecado, ou seja, sem erros, que atirasse a primeira pedra naquela mulher.

Podemos imaginar o espanto daqueles homens ao ouvirem isso de Jesus, porque não havia nas palavras dele nada que desrespeitasse Moisés e suas leis.

Jesus apenas demonstrou que nenhum daqueles homens estava isento de erros, portanto, não tinham autoridade moral para julgar, condenar e aplicar a pena de apedrejamento. Tanto que os homens começaram a soltar as pedras e a saírem um a um, começando pelos mais velhos.

Mas como podemos atingir a proposta de Jesus, de não julgarmos o nosso irmão?

Prestando atenção na forma como pensamos.

Identificando quais são os valores que adotamos para guiar nossas atitudes e como agimos diariamente, pois a maledicência e a maldade revelam nossa imperfeição moral.

O tema nos fala sobre a importância de não julgarmos precipitadamente as criaturas e, conseqüentemente, não atirmos a primeira pedra naqueles que nos parecem errados.

Há uma pequena história que ilustra bem o que falamos até agora desse julgamento precipitado que fazemos das pessoas.

“Todos os dias, a Dona Maria olhava pela janela de sua cozinha em direção ao varal de roupas na casa de sua vizinha e comentava com a família:

- Nossa! Como os lençóis daquela mulher estão sujos!

No dia seguinte, novamente na cozinha e olhando mais uma vez para a sua vizinha, que estendia as roupas, Dona Maria comentava:

- Não sei como ela não tem vergonha de colocar aquelas roupas imundas no varal!

E era assim todos os dias.

Dona Maria já estava habituada a olhar para o varal da vizinha e criticá-la por tanta roupa suja. Até que, um dia, não suportando mais ver aquilo, decidiu que iria chamar a atenção da vizinha.

Ao vê-la estendendo seus lençóis, correu na direção da janela da cozinha. Mas, para a sua surpresa, Dona Maria descobriu que a sua janela estava emperrada. E notou também que, ao tentar abri-la, os vidros ficavam com as marcas de sua mão.

Desesperada, pegou um pano e começou a limpar os vidros. O pano ficou coberto de sujeira. E, após finalizar a limpeza e olhar novamente para o varal da vizinha, pôde ver que todas as roupas estendidas no varal estavam limpas.

Só então percebeu que, na realidade, o que estava sujo não eram as roupas da vizinha e sim a sua vidraça.”

E quantas vezes agimos no nosso dia a dia como a Dona Maria?

Na maior parte do tempo estamos observando e julgando, e quase sempre errando, porque não usamos a mesma medida para avaliar os outros que gostaríamos que usassem para nos avaliar. É necessário que sejamos mais benevolentes, retiremos a trave dos nossos olhos e não critiquemos a dos olhos dos outros.

Quando não nos observamos, corremos o risco de cometermos erros, injustiças, atitudes incorretas e precipitadas, complicando nossa evolução espiritual.

Não julgueis para não serdes julgados, propõe, portanto, o processo de mudança e melhoria íntima de cada um de nós, que nada mais é do que o trabalho de autoconhecimento que nos ajudará a identificar a nossa realidade íntima, para que no esforço do dia a dia possamos renovar as nossas atitudes perante a vida.

Para finalizar, temos uma mensagem do livro **“Ceifa de Luz”**, onde Emmanuel, pela psicografia de Chico Xavier, no **Cap 52 – Em família espiritual**, nos diz:

“Quanto mais nos adentramos no conhecimento de nós mesmos, mais se nos impõe a obrigação de compreender e desculpar, na sustentação do equilíbrio em nós e em torno de nós.

Daí a necessidade da convivência, em que nos espelhamos uns nos outros, não para criticar-nos, mas para entender-nos, através de bendita reciprocidade, nos vários cursos de tolerância, em que a vida nos situa, no clima da evolução terrestre.

Assim é que, no educandário da existência, aquele companheiro:

Que somente identifica o lado imperfeito dos seus irmãos, sem observar-lhes a boa parte;

Que jamais se vê disposto a esquecer as ofensas de que haja sido objeto;

Que apenas se lembra dos adversários com o propósito de arrasá-los, sem reconhecer-lhes as dificuldades e os sofrimentos;

(...)

Que se utiliza da verdade exclusivamente para ameaçar ou ferir...

Será talvez de todos nós aquele que mais exija entendimento e ternura, de vez que, desajustado na intolerância, se mostra sempre desvalido de paz e necessitado de amor.”